

Arquitetos não

29 MAI 1987

apóiam projeto de Lúcio Costa

Que impactos os novos assentamentos urbanos propostos pelo projeto de expansão do Plano Piloto de Lúcio Costa terão sobre a qualidade da infraestrutura já instalada e sobre a vida das comunidades que habitam o Distrito Federal? Qual será o perfil de empregos mais adequado para Brasília, quando o número de habitantes do Plano Piloto for triplicado? Como esta expansão vai se refletir sobre as correntes migratórias?

Estas são algumas das perguntas que, segundo o professor de Geografia da UnB e coordenador do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais, Aldo Paviani, o projeto de expansão de Lúcio Costa não responde. Ontem, Paviani discutiu estas e outras questões ligadas ao projeto de Lúcio Costa e ao planejamento da cidade com geógrafos, arquitetos e estudantes no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) no programa regular de palestras promovidas todas as quintas-feiras às 17h, pelo Instituto.

PALMEIRAS

— Não se faz um planejamento globalizante em Brasília. É muito mais fácil fazer um planejamento físico, paisagístico, urbano, do que um planejamento social, até por falta de elementos. Quem sabe dizer, por exemplo, quantos novos empregos serão oferecidos no próximo ano? O Plano de Expansão de Lúcio Costa é um projeto que por páginas inteiras se preocupa em saber como vão ficar as palmeiras já plantadas na cidade. Ficou esquisito ... — comenta Paviani.

O professor lembra que o plano sequer leva em consideração propostas governamentais que já estão sendo discutidas e tendo sua implantação dada como praticamente certa, como o projeto do metrô. "O metrô acabou sendo atropelado por Brasília Revisitada, pois a linha

não passa pelos novos núcleos previstos e mergulha na Asa Sul. Assim, a Brasília internacional e mitologicamente conhecida como cidade planejada, hoje, não privilegia coerentemente sequer dois grandes projetos".

Um membro do Sindicato dos Arquitetos presente ao debate observa que, embora seja extremamente vago e omissivo, o "Brasília Revisitada" teve um mérito: derrubar o dogma plantado pelos próprios criadores da cidade que tentava justificar a colocação das satélites longe do Plano Piloto como argumento de que a Baía do Paranoá não podia receber mais habitantes.

GEOPOLÍTICA

Na opinião de Paviani, isto era apenas um pretexto para esconder a verdadeira causa da implantação das satélites a uma distância tão grande do Plano Piloto. Ele acredita que o fenômeno, tem, na realidade, raízes geopolíticas, e lembra um episódio curioso para reforçar sua tese.

No início da construção da cidade, conta Paviani, os operários, que moravam na então Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, revoltaram-se contra as suas péssimas condições de vida e se armaram de picaretas e outras ferramentas, ameaçando marchar sobre o Plano Piloto e destruir tudo o que já tinham começado a construir.

Segundo o historiador Ernesto Silva, continua Paviani, os candangos só desistiram do movimento quando receberam a promessa de ganhar um terreno lá mesmo na Cidade Livre para construir suas casas, além de transporte gratuito até o Plano Piloto. "Esta história mostra bem que a distância entre Plano Piloto e satélites, certamente foi utilizada como um anteparo aos movimentos sociais", conclui o professor.